



## CORPO VIRIL NOS DISCURSOS MUDIÁTICOS: DO TRIUNFO À CRISE

Denise Gabriel Witzel<sup>1</sup>

Coragem, poder, vigor e força física. Eis as características do corpo que, nos primórdios da história da virilidade, associavam-se a um ideal de perfeição masculina. Ser viril seria o homem “completo”, em sintonia com uma tradição imemorial constituída por códigos, rituais e formações que geraram guerreiros, heróis, patriarcas, enfim, o homem de verdade. Partindo desse modelo, os três tomos da *História da Virilidade*, organizados por Alain Corbain, Jean-Jacques-Courtine e Georges Vigarello, ao tempo em que mapeiam as condições de possibilidades de existência - sociais, culturais, políticas e econômicas – e de transformação do “império do macho”, permitem-nos trazer para o campo teórico da Análise do Discurso uma linha de reflexão que concebe o corpo como objeto discursivo, ou seja, como matéria significativa (re)produtora de sentidos. Extensivamente, interessa-nos pensar nos processos históricos de virilização, interrogando como e por que o corpo viril pôde se formar e em quais realidades – econômicas, sociais, culturais, políticas - se articula. Elegemos para fins analíticos peças publicitárias de medicamentos que circularam na grande mídia ao longo do século XX.

Isso implica um gesto de interpretação que nos faz voltar arqueologicamente para as camadas subterrâneas de discursos materializados em imagens e palavras, definindo o corpo viril, dado a ver e a ler em diferentes épocas e lugares. Em tal retorno, partimos do princípio de que um enunciado não se dá de forma livre, neutra e independente, pois desde sua raiz ele se relaciona com a memória e reatualiza outros enunciados; além disso, consideramos que o acontecimento implica ruptura e/ou regularidade histórica. Assim, pretendemos focalizar naquelas camadas, certo domínio de coexistência de enunciados dispersos e heterogêneos, formatando um campo memorável do sujeito viril. Memória que aponta para a proliferação de acontecimentos através dos quais (graças aos quais, contra os quais) o ideal de virilidade foi inventado na antiguidade clássica, alcançou seu apogeu ao longo do século XIX e entrou em processos de desvirilização na contemporaneidade.

Antes, porém, de iniciarmos quaisquer observações a respeito das diferentes versões desse corpo viril, é necessário deixar muito claro que não se trata de um corpo objetivo, material e mortal, resultado de uma somatória de átomos e moléculas que desempenham funções fisiológicas e biológicas, tampouco o corpo inerte com suas propriedades eternas. Sob a ótica discursiva, falamos de um corpo imerso na história, portanto, de um corpo entendido como uma irrupção de um acontecimento. A virilidade, nessa linha de entendimento, é uma construção simbólica inserida em redes de poder e resistências. Possui uma história física, estética, política, ideal e material, que se transforma nos tempos e nos espaços.

---

<sup>1</sup> Professora Doutora do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) – Campus Guarapuava- Paraná.

A emergência do corpo como objeto do discurso é algo muito recente, na medida em que o interesse por essa temática, no cerne das ciências humanas, data do início do século XX. Segundo Courtine (2011), antes visto apenas como um pedaço de matéria, o corpo passa a ser uma invenção teórica, primeiro, quando foi ligado ao inconsciente na psicanálise - com os estudos de Freud sobre histeria. Depois quando foi fixado ao sujeito - com os estudos de Edmund Husserl que substituíram a “alma” cartesiana (aquela separada do corpo) pela consciência, entendendo o corpo como o berço original de toda a significação. Somam-se, ainda, as ideias do antropólogo Marcel Mauss para quem o corpo orgânico sujeita-se a técnicas, a adestramentos com vistas à convivência social.

Foi, seguramente, a partir de Foucault, mais particularmente quando esse filósofo atenta para os micropoderes (FOUCAULT, 1979), para os mecanismos individualizantes e presentes em nossa vida cotidiana, que o corpo humano adquire relevância em seus mínimos detalhes. Sob sua ótica, esse tipo de poder, minuciosamente explicado em *Vigiar e Punir*, categoriza o indivíduo, marca-o com sua própria individualidade, fixa-o a uma identidade própria, impõe-lhe uma lei de verdade que deve ser reconhecida e que os outros têm que reconhecer nele. É uma forma de poder, portanto, que ao tempo em que faz dos indivíduos sujeitos, avança nos corpos e se encontra exposto no próprio corpo.

Sobre a relevância dessa temática na obra de Foucault, Courtine (2011) observa que o enigma que constitui o corpo na história é o mesmo que atravessa, em muitas partes, a analítica do pensador da dispersão e da singularidade. Decifrar tal enigma sempre foi seu grande desafio, na medida em que ele se inquietava, prioritariamente, ao longo de seus ditos e escritos, com a questão do sujeito. Em uma de suas inquietações, por exemplo, ele conta a experiência de um pesadelo que teve quando ainda era criança. Tentava ler um texto e somente uma parte ínfima era decifrável. Entre o que era legível e o que era inventável, ele buscava elucidar um texto embaralhado, inacessível que se apagava tão logo se iniciava o trajeto de leitura. Texto que, segundo Courtine (2011), seria o próprio corpo.

Ao discutir o objeto fundamental da genealogia, Foucault (2005, p.267) discorre sobre a ‘proveniência’, argumentando que ela “permite reencontrar, sob o aspecto único de uma característica ou de um conceito, a proliferação dos acontecimentos através dos quais [...] eles se formaram”. Desvia-se da ideia de que a genealogia buscaria estabelecer uma grande continuidade para além da dispersão do esquecimento e observa que seguir o filão complexo da proveniência é manter o que se passou na dispersão que lhe é própria; é situar os acidentes, os ínfimos desvios – ou pelo contrário, as completas inversões – os erros, as falhas de apreciação, os cálculos errôneos que fizeram nascer o que existe e tem valor para nós; é descobrir que, na raiz do que conhecemos e do que somos, não há absolutamente a verdade e o ser, mas a exterioridade do acidente.

A proveniência se relaciona com o corpo [...] o corpo sustenta, em sua vida e sua morte, em sua força e fraqueza, a sanção de qualquer verdade e de qualquer erro, tal como ele sustenta também, e inversamente, a origem – proveniência [...] o corpo – e tudo o que se refere ao corpo – a alimentação, o clima, o solo – é o lugar da *Herfunft*: No corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados, assim como dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros; nele também se ligam e subitamente se exprimem, mas nele também se desligam, entram em luta, se apagam uns e outros e prosseguem seu insuperável conflito. O corpo: superfície de

inscrição dos acontecimentos (enquanto a linguagem os marcam e as idéias os dissolvem), lugar de dissociação do Eu (ao qual ele tenta atribuir a ilusão de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização. A genealogia, como análise da proveniência, está, portanto, na articulação do corpo com a história, e a história arruinando o corpo. (FOUCAULT, 2005, p.267)

Dito isso e apoiando-nos, fundamentalmente, na premissa de que o corpo se articula com a história e que essa o arruína, destacamos a seguinte peça publicitária:



Figura 1: PP1 - Anúncio do elixir Nutrogenol Granado  
Fonte: Revista Ilustração Paulista, de 1912

Força e vigor, quer físicos quer sexuais, (re)estabelecem, nessa PP1, as marcas corpóreas da virilidade tão caras a uma tradição que elege papéis sociais e sistemas de representação do masculino, considerando a hegemonia viril como algo pertencente à ordem natural e inevitável das coisas. Durante muito tempo, a irrupção de discursos sobre a virilidade repete e sedimenta esse modelo; ou seja, trata-se de um ideal perseguido em diferentes temporalidades e materialidades.

Se, como propõe Pêcheux, é necessário tratar do “discurso outro, enquanto presença virtual na materialidade descritível da sequência, [marcando], do interior dessa materialidade a insistência do outro como lei do espaço social e da memória histórica, logo como o próprio princípio do real sócio-histórico” (PÊCHEUX, 2006, p.55); ou ainda, se é preciso considerar o “*statut social de la mémoire comme condition de son fonctionnement discursif, dans la production et l’interprétation de réseaux de traces*” (PÊCHEUX, 1990, p.286), atentemos precisamente para as redes de memória e alguns trajetos sociais incitados pela imagem em evidência na peça em questão: um homem lutando com um urso.

Obviamente, um urso é muito mais forte do que um homem, podendo matá-lo com um rápido “abraço”. Contudo, na idealização da força masculina, há uma inversão dessa lógica, pois se instaura uma posição que extrapola a coragem e a valentia. Temos, aí, um sujeito da ordem do extraordinário, do impossível, portanto, um herói a exemplo daqueles existentes unicamente no universo mitológico. Um rápido mergulho arqueológico recupera alguns discursos funcionando como condição de enunciabilidade da PP1.

De acordo com Thomasset (2011), o urso é um animal emblemático em antigas civilizações. Ele era venerado, considerado uma fera invencível e mestre soberano das florestas. Além disso, era

visto como a encarnação da força e da coragem: eis, aqui, o mais importante para reconfigurarmos a rede de implícitos que satura a memória discursiva e define o corpo viril da imagem acima. Nessa rede, merece destaque ainda:

[...] esses guerreiros, antes ou depois do combate, buscavam adquirir as forças da fera. Nas práticas mais selvagens, eles bebiam o sangue do animal e comiam sua carne, espécie de refeição ritualística, essencialmente totêmica (no sentido que os antropólogos dão ao termo), que contribuiriam simbolicamente para transformar o guerreiro em urso, dotando-o das forças da fera e, desse modo, tornava-o invencível” (THOMASSET, 2011, p.146, tradução nossa)

Para além dessas práticas míticas, importa a produção da virilidade condicionada à invencibilidade, à violência, à coragem, à agressividade, à valentia, enfim, a uma série enunciativa que definiu a tradicional forma viril e que determinou o sistema de enunciabilidade-dizibilidade- visibilidade (o que pode ser dito-visto, o domínio da discursividade) da PP1.

Entretanto, esse sistema se submeteu a grandes e importantes transformações. A virilidade, que respondia a um ideal de dominação masculina, foi acometida, ao longo do século XX, de uma verdadeira crise endêmica. Testemunhamos um processo de desvirilização, fruto de inúmeros acontecimentos que contribuíram para fazer ruir o que Courtine (2011) designa, ironicamente, como o império do macho. As duas grandes guerras mundiais que dilaceraram corpos e expuseram a fragilidade do ‘guerreiro’; os movimentos feministas que impuseram novos códigos de relacionamento e de condutas entre os sexos, são dois exemplos basilares do que impulsionou a produção de novos corpos e, conseqüentemente, de novos discursos sobre o corpo viril, notadamente quando atingem o domínio da impotência sexual.

Nessas novas discursividades, a disfunção erétil ganha o espaço midiático; sua medicalização se torna urgente e necessária para resgatar o corpo-viril, agora inseguro e amedrontado, passível de sucumbir numa zona de turbulência. É o que constatamos ao analisar uma peça publicitária destinada à venda de um medicamento para garantir a “ereção e o prazer”. Em sua parte verbal, lemos:

*Que tal uma noite gostosa, daquelas que terminam com o dia amanhecendo feliz?  
[...] o novo produto para ereção que permite uma vida sexual com prazer. Além de contar com um rápido início de ação e efeito prolongado, você tem toda a liberdade para drinks e jantares românticos que tão bem completam uma noite inesquecível.  
Precisão. Potência. Prazer. A última conquista do homem.*

No cerne da cultura médica que sai dos laboratórios e dos consultórios para ganhar a mídia, esses enunciados interpelam os sujeitos a cuidarem do seu desempenho sexual, entendendo-o como forma de realização individual. Traduzem, fundamentalmente, a fugacidade e limitação de um corpo; ao propor medicamentos destinados a tratar o corpo doente, porque incapaz do desempenho sexual, fazem retornar, via interdiscurso, acontecimentos discursivos confrontados com a história física, estética, política, ideal e material da virilidade.

Ressalte-se, ainda, o enunciado *A última conquista do homem*. O gesto analítico diante desse dizer e do espaço de memória que ele convoca, faz retornarem efeitos de sentido que insistem no mesmo: o corpo viril é o corpo que conquista. Daí concluímos que a formação do arquivo sobre o esse corpo historicamente se deu mediante fixação seletiva de discursos que falam, ainda hoje, de bravos guerreiros conquistadores. No acontecimento de sua volta, temos:

O *vir* não é apenas *homo*, o viril não é apenas o homem, ele é mais do que isso: ideal de poder e virtude, segurança e maturidade, confiança e domínio. Daí o tradicional desafio: objetivar o "perfeito", a excelência, tanto quanto o autocontrole<sup>2</sup> (CORBIN, A. et alii, 2011a, p.7, Tradução nossa).

O que é ser viril hoje? Pergunta que nos colocamos ao observarmos as tradicionais formas do masculino, calcadas na "perfeição" que engloba a força física, a solidez moral e a potência sexual. Em suas mutações, o ideal viril entrou em colapso diante da emergência de novos acontecimentos e de novas práticas de individualização.

### Referências Bibliográficas

CORBIN, A.; VIGARELLO, G.; COURTINE, J.J. (Org.). **Histoire de la Virilité 1** – L’Invention de la virilité: de la Renaissance aux Lumières. Paris: Seuil, 2011a.

\_\_\_\_\_. *Histoire de la Virilité 3* – La virilité en crise? XXe-XXIe siècle. Paris: Seuil, 2011b.

COURTINE, J.-J. *Déchiffrer le corps : penser avec Foucault*. Grenoble : Jérôme Millon, 2011.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. Nietzsche, a Genealogia, a História. In: Ditos e Escritos II – Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento; org e seleção de textos, Manoel Barros da Motta. RJ: Forense Universitária, 2005.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.

\_\_\_\_\_. *Lecture e Mémoire: projet de recherche*. In: MALDIDIÉ, D. *L’Inquiétude du discours: textes de Michel Pêcheux*. Paris: Éditions de Cendres, 1990.

THOMASSET, C. *Le Médiéval, la force e le sang*. In: CORBIN, A.; VIGARELLO, G.; COURTINE, J.J. (Org.) **Histoire de la Virilité 1** – L’Invention de la virilité: de la Renaissance aux Lumières. Paris: Seuil, 2011, p.141-178.

<sup>2</sup> “*Le vir n’est pas simplement homo, le viril n’est pas simplement l’homme, il est davantage: idéal de puissance et de vertu, assurance et maturité, certitude et domination. D’où cette situation traditionnelle de défi: viser le "parfait", l’excellence, autant que l’autocontrôle*”. (CORBIN, A. et alii, 2011a, p.7)